



## Universidades Lusíada

Salvado, Joana Cotter, 1987-  
Neves, Victor, 1956-

### **Entre a fotografia e a arquitectura : três abordagens à fotografia de arquitectura no panorama arquitectónico português do século XXI**

<http://hdl.handle.net/11067/466>

#### **Metadados**

##### **Data de Publicação**

2013

##### **Resumo**

A fotografia, enquanto modo de representação bidimensional, aproxima-se da arquitectura enquanto forma de interpretar o mundo e de representar os seus significados. Mas, se por um lado a fotografia funciona como registo da realidade onde se pretende operar, estimulando o processo criativo do arquitecto, a fotografia transforma-se, também, no seu principal meio de expressão quando a obra arquitectónica se funda e realiza. Num contexto contemporâneo interessa-nos ir mais para além da simples de...

##### **Palavras Chave**

Arquitectura e fotografia

##### **Tipo**

article

##### **Revisão de Pares**

Não

##### **Coleções**

[ULL-FAA] RAL, n. 4 (1.º semestre 2013)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T12:22:29Z com informação proveniente do Repositório

## “ENTRE A FOTOGRAFIA E A ARQUITECTURA – TRÊS ABORDAGENS À FOTOGRAFIA DE ARQUITECTURA NO PANORAMA ARQUITECTÓNICO PORTUGUÊS DO SÉC. XXI”

Joana Cotter Salvado  
Victor Neves

Joana Cotter Salvado/ Victor Neves

“...A representação é dominada pela imaginação. A Representação não é mais do que um corpo de expressões para comunicar aos outros nossas próprias imagens. Em linha com a filosofia que aceita a imaginação como faculdade básica, pode-se dizer, como Schopenhauer: ‘o mundo é a minha imaginação’. Posso tanto melhor o mundo quanto mais hábil for em miniaturizá-lo”. (BACHELARD, Gaston, *“The Poetics of Space”*, Edition by John R. Stilgoe, 1994, pp.150)

**Representação** A fotografia, enquanto modo de representação bidimensional, aproxima-se da arquitectura enquanto forma de interpretar o mundo e de representar os seus significados. Mas, se por um lado a fotografia funciona como registo da realidade onde se pretende operar, estimulando o processo criativo do arquitecto, a fotografia transforma-se, também, no seu principal meio de expressão quando a obra arquitectónica se funda e realiza.

**Interpretação** Num contexto contemporâneo interessa-nos ir mais para além da simples definição da fotografia enquanto instrumento de percepção e registo do espaço arquitectónico. Por vezes, uma fotografia edifica um espaço interpretativo com tanto sucesso que se transforma num mecanismo de comunicação e sedução da arquitectura – da versão autêntica da arquitectura.

“Deste modo, e como consequência das técnicas e práticas dentro do atelier, os arquitectos vão-se distanciando cada vez mais do mundo da experiência real.” (LEACH, Neil, *“A Anestésica da Arquitectura”*, Lisboa: Antígona, 2005, pp.26-27)

**Comunicação** Durante a última década do século XX, diversas transformações relativas aos sistemas de comunicação alteraram o contexto no qual a arquitectura é apreendida e debatida. Com a utilização da fotografia em plataformas “online” e em inúmeras publicações, nasceu um novo padrão de experiência do espaço arquitectónico que possibilita uma potencial relação virtual com a arquitectura. Tal relação é estabelecida porque a documentação detalhada da arquitectura através de fotografias faz com que estas se tornem num veículo preferencial de expressão e representação, criando um sistema de conhecimento ancorado à imagem. É o desenvolvimento dos métodos de reprodução visual e a consequente amplificação da audiência da arquitectura, que fez com que a nossa relação com o espaço arquitectónico se tivesse modificado radicalmente, em algumas circunstâncias, nomeadamente quando o observador ou leitor se transforma num virtual utilizador, dando o seu significado e a sua interpretação à “coisa arquitectónica” reproduzida pela fotografia.

**Espaço** E é através da fotografia que a arquitectura entra no mundo do mercado da arte, alterando consequentemente o seu significado cultural. A maneira como a arquitectura

é apreendida através desse outro suporte, permite a sua rápida absorção levando à fusão da experiência do espaço e do tempo. Um bom exemplo é Andreas Gursky<sup>1</sup>, fotógrafo e artista alemão. As suas fotografias procuram deliberadamente o estatuto de obra de arte através da manipulação “compositiva” dos seus temas.

Nas suas fotografias, cada detalhe é enquadrado e multiplicado de forma a criar impacto estético e emocional no observador. A figura humana é um elemento desse processo - se por um lado poderá servir como elemento pontual de composição do tema, tal como podemos observar na Ilustração 01, poderá também funcionar como mancha que preenche o espaço fotografado, tal como acontece na Ilustração 02.



Ilustração 01 – GURSKY, Andreas, “Engadin”, 1995  
Ilustração 02 – GURSKY, Andreas, “Autosalon, Paris”, 1993

“No cyber - espaço, toda a gente é ao mesmo tempo crítica e acrítica. A conversa sobre arquitectura prolifera, na maioria das vezes na ausência da própria arquitectura.”

(LANGE, Alexandra, “A debate on the future of architecture criticism”, Domus, 2011) [www.storefrontnews.org](http://www.storefrontnews.org).

**Percepção** Quase sempre, os fotógrafos projectam-se nas coisas que vêem. Identificam-se com elas com o intuito de as conhecer, determinando através da fotografia um conjunto de descobertas. Mais do que registar o mundo, pretendem gerar um interesse consentâneo com as suas decisões óptico-visuais, alargando a noção do que é um olhar errado e do que é um olhar certo.

<sup>1</sup> Nasceu em 1955, em Leipzig na Alemanha. Estudou na Academia Dusseldorf, tendo como professores Bernd Becher. Ganhou reconhecimento internacional com as suas fotografias panorâmicas de grande escala. As suas fotografias fazem parte das coleções de Museus prestigiados com TATE Modern e MOMA em Nova York.

**Mediatização** Três Fotógrafos Portugueses de Arquitectura – Fernando Guerra **FG**<sup>2</sup>, Luís Ferreira Alves **LFA**<sup>3</sup>, João Morgado **JM**<sup>4</sup> - foram entrevistados, abordando diversas questões que se intrometem entre a arquitectura e a fotografia. Os seus discursos focam-se essencialmente no modo como a arquitectura é percebida e mediatizada através da fotografia, no contexto contemporâneo.

Porque *“talvez possamos estabelecer uma visão paralela entre arquitecto/fotógrafo de arquitectura e aí sim, é interessante olhar para as fotografias do autor e entender a obra de uma forma diferente” JM*. As fotografias não representam somente a arquitectura, mas também sugerem a forma de a perceber, ou seja, as fotografias de arquitectura expressam as ideias dos arquitectos, mas os fotógrafos providenciam novas leituras da arquitectura.

**Ficção** *“(...) a fotografia de arquitectura é hoje em dia o nosso principal modo de ver a arquitectura” JM*. Mas, as imagens fotográficas não podem ser compreendidas apenas enquanto reflectoras da realidade, antes dependendo de vários elementos que impõem visões expressivamente diferenciadas. Deparamo-nos, portanto, com uma oposição entre realidade e ficção pois se por um lado a fotografia *“não é a realidade, mas uma realidade, ou seja, uma representação visual, culturalmente filtrada, do real”* (MARTINE, Joly, *“A Imagem e a sua Interpretação”*, Lisboa, Edições 70, 2003, pp.129), a nossa relação com a imagem fotográfica torna-se num suporte narrativo e ficcional com o intuito de comunicar um conjunto de ideias.

“Toda a fotografia é uma ficção. Logo é muito pessoal, ou, pelo menos, devia ser. No meu trabalho a realidade é minha, apesar de fotografar o trabalho dos outros.”

(GUERRA, Fernando, “Dibujos Visuais”, revista +arquitectura 022, Março 2008 pp.27)

**Imaginação** É portanto *uma “(...) interpretação serena das intenções do arquitecto e a busca paciente e sóbria das complexas relações existentes numa obra pode constituir uma forma positiva de educar olhares alheios” LFA*. É o conjunto de imagens fotográficas que, em muitos casos, permite a construção de uma memória da arquitectura. Mas as fotografias oferecem também um espaço interpretativo e é a imaginação que permite a tal reinterpretação das intenções do arquitecto.

Segundo Vilém Flusser<sup>5</sup> observamos as imagens e acreditamos nelas como confiamos

<sup>2</sup> Nasceu em 1970, em Lisboa. Licenciou-se em arquitectura em 1993 pela Universidade Lusíada de Lisboa, trabalhou durante cinco anos em Macau como arquitecto (1994-1999). Lecionou a cadeira de Projecto II no curso de Arquitectura da Arca-Euac (Escola Universitária das Artes de Coimbra), entre 1999 a 2005. Em 1999 funda juntamente com Sérgio Guerra o estúdio FG+SG - Fotografia de Arquitectura sendo este estúdio responsável da difusão da arquitectura contemporânea portuguesa, nos últimos dez anos. Certificado pela Epson Digigraphie® em 2007; desde 2008 agenciado por VIEW Pictures, Londres – Reino Unido; e também, desde 2006 agenciado por FAB PICS – International Architecture Photography, Colónia – Alemanha. O seu trabalho encontra-se representado em diversas colecções particulares e públicas.

<sup>3</sup> Nasceu 1938, em Valadares. É fotógrafo profissional desde 1984. Colabora regularmente com revistas nacionais e internacionais, participa em exposições e realiza documentários vídeo.

<sup>4</sup> Nasceu em 1985, em Cascais, Portugal. Em 2012 é representado pela principal agência internacional de fotografia de arquitectura – VIEW Picture, Londres. Em 2010 funda a empresa “João Morgado – Fotografia de Arquitectura”. Entre 2008 e 2010 é orador em conferências sobre fotografia de arquitectura na Universidade Lusíada de Lisboa, FNAC Coimbra e Pecha Kucha. Em 2008 os seus trabalhos fotográficos foram premiados em diversos concursos fotográficos em Portugal. No ano anterior, em 2007, inicia a sua actividade na fotografia de arquitectura colaborando regularmente com diversos ateliers nacionais e internacionais. Entre 2005 e 2009 participa em diversos workshops de arquitectura em Itália, Suíça e Holanda e trabalhou com AAArchitects (Rotterdam) e Wiel Arets Architects (Maastricht). Entre 2003 e 2008 completa o mestrado integrado em Arquitectura pelo ISCTE – Lisboa.

<sup>5</sup> (1920-1991) Nasceu em 1920, em Praga (na actual República Checa). Filósofo, conferencista, escritor e professor de filosofia no Brasil, país onde se naturalizou depois de fugir ao nazismo e onde viveu durante 31 anos. Escreveu a maior parte das suas obras em francês e alemão. Entre as obras *“A História do Diabo”* (São Paulo, 1965), *“Le Monde Codifié”* (Paris, 1972), *“Ins Universum der technischen Bilder”* (Göttingen, 1985), *“Gesten – Versuch einer Phänomenologie”* (Düsseldorf/Bensheim, 1991), *“Ensaio sobre a Fotografia – Para uma Filosofia da Técnica”* (a primeira versão recebe o título de *“Für eine Philosophie der Fotografie”* em 1983 *“Por uma filosofia da fotografia”*, título que foi mantido em todas as traduções para as outras línguas. A versão para português teve o seu título modificado pelo próprio autor, depois de reconsiderar alguns aspectos da sua argumentação).

nos nossos próprios olhos. As imagens tornam-se janelas que permitem visões do mundo e por transportarem um universo de significados, expressam conceitos relativos a esse mesmo mundo. Neste universo fotográfico “*Vivenciar passa a ser recombina constantemente experiências vividas através de imagens. Conhecer passa a ser elaborar colagens fotográficas para se ter uma visão do mundo.*” (FLUSSER, Vilém, “Ensaio Sobre a Fotografia: Para uma Filosofia da Técnica”, Lisboa: Relógio d’Água, 1998, pp.86)

“O que observámos no passado reaparece na presença do novo, filtrado pela força da memória das coisas, permitindo um novo olhar, com sentido crítico. É a memória que forma o olhar, permitindo a deformação dos objectos, isto é, quando olhamos para um qualquer objecto, arquitectónico ou não, ele transfigura-se quando cruzado com a recordação daquilo que já vivemos.” (URBANO, Luís, “Reconfigurar o Mundo”, Mundo Perfeito: Fotografia de Fernando Guerra, Porto: Publicações FAUP, 2008)

**Narração** A arquitectura fotografada é entendida não só como um estímulo ao pensamento arquitectónico dentro do processo criativo, que a liga à realidade do construir, mas também enquanto representação desse processo, revelando um duplo valor narrativo e ficcional. Porque a fotografia de arquitectura é “(...) *a visão pessoal, num dado momento, através de um processo que se domina e cujas consequências se conhecem ‘a priori’, tendo em vista uma função mediática, a qual também, embora ‘a posteriori’, a ‘informa’ e a condiciona*” LFA. Também Fernando Guerra refere o seu interesse em mostrar cada projecto que fotografa de uma forma pessoal referindo, contudo, que não cria *um “mundo paralelo à realidade”*. Afirma, antes, que o universo mediático entre a fotografia e a arquitectura surge posteriormente.

“Chegam mais visitantes enquanto acabo estas linhas sentado na esplanada do Farol. Quantos irão visitá-lo por verem estas imagens? Ou, para quantos serão estas imagens o único contacto com a obra?” (GUERRA, Fernando, “POSTAIS”, Farol Museu de Santa Marta, Cascais. 22 Novembro 2008)

**Percepção** A fotografia faz surgir uma nova percepção da arquitectura ao ponto de se tornar na “(...) *forma essencial de comunicar a arquitectura. Mais eficaz do que o filme ou desenho*” FG. Como refere, também, Luís Ferreira Alves, as suas fotografias não pretendem condicionar a realidade mas estabelecer um bom diálogo com ela. Sendo “(...) *uma forma positiva de educar olhares alheios*” LFA afirmando ainda que não lhe parece negativo “(...) *que se visite uma obra depois de ter ‘ingerido’ a informação mediática existente.*” LFA.



Ilustração 03 – FERREIRA ALVES, Luís, Casa das Histórias Paula Rego, Cascais, Portugal, Eduardo Souto Moura, 2009

**Comunicação** Segundo Walter Benjamin<sup>6</sup>, o olhar apreende mais depressa do que a mão desenha. (BENJAMIN, Walter, “Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política”, Lisboa, Relógio D’Água, 1992, pp.76). Perante o processo acelerado de reprodução de imagens, a fotografia torna-se num meio de reprodução verdadeiramente revolucionário e sistemático, capaz de se tornar no mais potente veículo de comunicar a arquitectura. A substituição do sistema analógico da fotografia molecular ou de filme pelo um sistema digital veio contribuir significativamente para esse processo, ou seja, para a propagação da arquitectura em grande escala, através da revolução preparada e consubstanciada pela evolução das tecnologias de informação, dos media e da informática, em geral.

**Representação** Desta forma, a fotografia acompanha o crescente desenvolvimento das novas tecnologias, abrindo novas possibilidades de produção e expressão da arquitectura. O modo de representar a arquitectura é uma “(...)mistura rara entre a encomenda, o gesto artístico e o risco geométrico.” **FG**. E tal como refere João Morgado “é comum o cliente relatar algumas falhas de execução e neste aspecto a manipulação é uma ferramenta de enorme valor ao serviço quer do fotógrafo quer do autor do projecto.” **JM**.

“Carrilho da Graça confidenciou-me, preocupado, que as minhas fotografias eram tão bonitas que tinha receio que as pessoas ao visitarem a obra ficassem desiludidas.” (GUERRA, Fernando, Fora de Série 5147 | Diário Económico, 2011)

**Sedução** A fotografia enquanto veículo de representação possibilita uma nova percepção do mundo ao ponto de influenciar o modo como “vemos” e “vivemos” a arquitectura, na

<sup>6</sup> (1892-1940) Walter Benedix Schönflies Benjamin. Nasceu em 1892, em Berlim, Alemanha. Filósofo, crítico literário, tradutor e sociólogo, tendo estudado filosofia ao mesmo tempo que literatura alemã e psicologia nas Universidades de Friburgo em Bisgau, Munique e Berlim. Destacam-se entre as suas obras “*Origem do Drama Barroco Alemão*” (1928), “*Teses Sobre o Conceito de História*” (1940), “*A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*” (1936).

medida em que introduz um factor de sedução estética e plástica: “(...) a *sedução mantém-se enquanto única estratégia viável para captar o observador*”. (LEACH, Neil, “*A Anestésica da Arquitectura*”, Lisboa: Antígona, 2005, pp.144)

**Ficção** Segundo Philippe Dubois<sup>7</sup>, a imagem fotográfica é um “(...) fragmento de tempo isolado pelo gesto fotográfico” que capta apenas um único instante. (DUBOIS, Philippe, “*O Acto Fotográfico*”, Lisboa: Vega, 1992, pp.169). Para além de fixar a duração captada apenas num único instante, isola e extrai espacialmente uma porção de realidade. Desta forma, a fotografia pode ser entendida enquanto corte temporal e espacial, reflectindo uma descolagem em relação ao real. Assim, removida do seu contexto original, a obra obtém um novo significado. (LEACH, Neil, “*A Anestésica da Arquitectura*”, Lisboa: Antígona, 2005, pp.24). E nessa medida pode-se tornar também ficção?

**Percepção** Tal como refere João Morgado, é “(...) interessante perceber como a fotografia de arquitectura tem a capacidade de integrar ou isolar a obra relativamente ao seu contexto e assim alterar totalmente a percepção / análise que o observador faz da obra.” **JM**. Ora, como afirma Fernando Guerra “o lugar não tem de me condicionar da mesma forma que faz com um arquitecto que trabalha geralmente, por referências, alinhamentos ou pelo lugar. O sítio pode ajudar-me, e, nesse caso, aparece nas imagens e faz parte da história enriquecendo a obra, dando-lhe textura, camadas. Se não me agradar ou não adicionar nada ao trabalho, evito-o e faço uma cobertura mais centrada no projecto. Esqueço a envolvente.” (GUERRA, Fernando, “*Dibujos Visuais*”, revista +arquitectura 022, Março 2008 pp.25-27).



Ilustração 04 – MORGADO, João, Casa em Pousos, Leiria, Portugal, Bak Gordon Arquitectos, 2008

<sup>7</sup> Um dos principais pesquisadores da actualidade no campo da estética da imagem e da figura, com contribuições decisivas na reflexão sobre fotografia, cinema, vídeo e domínio digital. Foi professor da Universidade de Liège e, desde 1988, é professor da Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle), onde é director da Unidade de Formação e Pesquisa “Cinema e Audiovisual”. Tem extensa obra publicada em revistas de vários países, com ensaios sobre Jean-Luc Godard, o cinema moderno e as relações entre arte e tecnologia.

**Manipulação** Assim, a fotografia desempenha um papel que destaca a autonomização da arquitectura, através de técnicas de omissão ou adição. Sem a fotografia, a arquitectura não se afasta da pose distante de objecto cartografado que sabemos existir mas que dificilmente apreendemos. Com a fotografia fica perto do protagonismo sedutor dos *mass media* que potencia a manipulação da realidade e sedução de novos significados e de novas estéticas.

“A sedução remove o significado do discurso e destitui-o da sua própria verdade, tentando encantar o espectador a um nível meramente visual e impedindo assim uma apreciação mais profunda.” (LEACH, Neil, “A Anestésica da Arquitectura”, Lisboa: Antígona, 2005, pp.127)



Ilustração 05 – GUERRA, Fernando, Lar de Idosos, Alcácer do Sal, Portugal, Aires Mateus, 2011

**Sedução** Segundo Neil Leach<sup>8</sup>, a sedução está ligada à estetização e opera enquanto mecanismo visual e superficial. É uma estratégia para captar o observador pois tal como refere Fernando Guerra, as “(...) *imagens, no entanto, devem ser perfeitas tecnicamente. E se assim estiverem, a divulgação acontece.*” **FG**. Desta forma, o “*universo da arquitectura que Fernando Guerra nos propõe é, quase sempre, um mundo perfeito. Panorâmico. Não – contaminado. Luminoso.*” (VAZ MILHEIRO, Ana, “Mundo Perfeito, Arquitectura e Fotografia”, Jornal Público, suplemento Mil Folhas, 26 Março, 2005)

**Manipulação** Mas, tal mecanismo de sedução só é possível com a manipulação da fotografia. João Morgado refere “(...) *a manipulação fotográfica é uma técnica digital que utilizo esporadicamente com grande moderação e bom senso.*” **JM**. A manipulação torna-se numa ferramenta eficaz que é utilizada como forma de “construir” e divulgar a arquitectura.

<sup>8</sup> Professor de Teoria de Arquitectura na Universidade de Bath, no Reino Unido e em várias e prestigiadas Universidades em Inglaterra e nos Estados Unidos, foi co-orientador da exposição sobre Arquitectura vanguardista na Bienal de Arquitectura de Pequim, 2004. Autor das obras “*China*” (2004), “*A Anestésica da Arquitectura*” (1999) e “*Millenium Culture*” (1999) e foi curador das Exposições: *Designing for a Digital World* (2002), *The Hieroglyphics of Space: reading and experiencing the modern metropolis* (2002), *Architecture and Revolution* (1999) e *Rethinking Architecture* (1997).

“(...) não se trata de um universo duplo, ou mesmo de um universo possível – nem possível, nem impossível, nem real, nem irreal: híper-real – é um universo de simulação, o que é uma coisa completamente diferente.” (BAUDRILLARD, “Simulacros e Simulação”, Lisboa, Relógio D’Água, 1991, pp.155).

**Sedução** Ora, é através da manipulação digital que a fotografia funciona com um duplo sentido. Por um lado o registo de uma certa realidade, por outro lado, o privilégio da contemplação dessa mesma realidade. Esta ideia de sedução visual manifesta-se *“num jogo de equilíbrio onde o conceito de belo volta a fazer sentido, mas agora minado ou, de outra forma, ampliado pela manipulação e pelo retoque tecnologizado.”* (SANTOS, Mafalda, “Pictórica fotografia”, Arq./a revista de arquitectura e arte, nº34, Nov./Dez., 2005, pp.81)

**Síntese** Num mundo marcado pela prevalência impositiva da imagem e pela hiper velocidade da sua reprodução e visualização, a arquitectura transformou-se, assim, num fenómeno mediático que a projectou como “coisa” social e esteticamente apetecida para consumo de massas. Neste contexto, a fotografia, agora digital, é uma plataforma privilegiada nesse processo de mediatização da arquitectura, tornando-se ela própria uma construção plástica com contornos de produto artístico. (X)

A fotografia de arquitectura deixou de ser um mero instrumento de registo, reprodução ou até de divulgação da arquitectura para se transformar num veículo privilegiado de “ver” a arquitectura. Partindo de um objectivo aparentemente específico - o de reproduzir e mostrar a obra arquitectónica - a fotografia contemporânea constrói ela própria imagens com significados próprios, autónomos. Em última análise constrói imagens ficcionadas e neste caso toma a veleidade de se fixar como “arte”. Neste processo de transformação, a arquitectura passa a ser uma entidade imagética, que se desliga da realidade - ou seja da arquitectura/construção “pedra sobre pedra”- habitada pelo homem - com autonomia formal e significativa - diga-se poética.

Essa nova “arquitectura imagem” altera (será que adultera?) a realidade física da arquitectura, mas também a sua estrutura de organismo habitável e desse modo poderemos dizer que “constrói” uma outra forma de habitar e, uma outra poética. E em alguns casos chega a sugerir uma outra função diferente da original.

Este processo de alteração / manipulação dá-se fundamentalmente através do tratamento digital da imagem com programas de software cada vez mais sofisticados e vulgarizados, mas têm outra história, mais antiga, que se baseia na simples manipulação dos enquadramentos, perspectivas, eixos, detalhes daquilo que se fotografa. História, que sendo aparentemente menos intrusiva e impositiva, não deixa de ter o mesmo objectivo último: o de mostrar apenas o que interessa, eliminando o que Não interessa ver (ou perceber), fazendo disso um jogo de sedução estética. E do belo.

“Nunca ninguém descobriu a fealdade através de fotografias” (SONTAG, Susan, “On Photography”, Penguin Books, 2008, pp.85)

Diga-se, em abono da verdade, que os arquitectos não procuram resistir a essa sedução, antes pelo contrário. Correm deliberadamente o risco de se embalarem nela, porque sabem que a imagem será sempre muito mais activa e incisiva, mais produtiva na divulgação da obra do que a própria obra, real e vivenciada. Aceitam de bom grado uma outra poética, a do espectáculo....a arquitectura representada.

Simultaneamente a uma prática profissional deslumbrada pelo seu poder de sedução, emerge uma crítica esforçada em denunciar o carácter subjectivo das imagens. Elas possibilitam a experimentação que, levada ao extremo, edifica a utopia e menospreza a obra.

As fotografias de arquitectura são, neste sentido, a representação de uma perfeição apenas garantida no plano da sua superfície. A fotografia democratizou o acesso às imagens de arquitectura que passaram também a ser semelhantes a outras imagens, mas veio questionar as fronteiras disciplinares e como isso criou um campo pleno de ambiguidades.

Sedutor, mas até onde?

Lista Ilustrações:

Ilustração **01** – GURSKY, Andreas, “Engadin”, 1995

Ilustração **02** – GURSKY, Andreas, “Autosalon, Paris”, 1993

Ilustração **03** – FERREIRA ALVES, Luís, Casa das Histórias Paula Rego, Cascais, Portugal, Eduardo Souto Moura, 2009

Ilustração **04** – MORGADO, João, Casa em Pousos, Leiria, Portugal, Bak Gordon Arquitectos, 2008

Ilustração **05** – GUERRA, Fernando, Lar de Idosos, Alcácer do Sal, Portugal, Aires Mateus, 2011

## BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston, “The Poetics of Space”, Edition by John R. Stilgoe, 1994

BAUDRILLARD, “Simulacros e Simulação”, Lisboa, Relógio D’Água, 1991

BENJAMIN, Walter, “Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política”, Lisboa, Relógio D’Água, 1992

DUBOIS, Philippe, “O Acto Fotográfico”, Lisboa: Vega, 1992

FLUSSER, Vilém, “Ensaio Sobre a Fotografia: Para uma Filosofia da Técnica”, Lisboa, Relógio d’Água, 1998

GUERRA, Fernando, “Dibujos Visuais”, revista +arquitectura 022, Março, 2008

GUERRA, Fernando, “POSTAIS”, Farol Museu de Santa Marta, Cascais, 22 Novembro, 2008

GUERRA, Fernando, Fora de Série 5147 | Diário Económico, 2011

LANGE, Alexandra, “A debate on the future of architecture criticism”, FORUM 03: CRITICAL FUTURES #3, Moderated by Joseph Grima, Domus, 2011 ([www.storefrontnews.org](http://www.storefrontnews.org))

LEACH, Neil, “A Anestésica da Arquitectura”, Lisboa, Antígona, 2005

MARTINE, Joly, “A Imagem e a sua Interpretação”, Lisboa, Edições 70, 2003

SANTOS, Mafalda, “Pictórica fotografia”, Arq./a revista de arquitectura e arte, nº34, Nov./Dez, 2005

SONTAG, Susan, “On Photography”, Penguin Books, 2008

URBANO, Luís, “Reconfigurar o Mundo”, Mundo Perfeito: Fotografia de Fernando Guerra, Porto: Publicações FAUP, 2008

VAZ MILHEIRO, Ana, “Mundo Perfeito, Arquitectura e Fotografia”, Jornal Público, suplemento Mil Folhas, 26 Març, 2005